

CORPOS PÓS-HUMANOS EM CENÁRIOS DISTÓPICOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DE *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO, E *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*, DE ALDOUS HUXLEY

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Resumo: Este trabalho propõe analisar comparativamente a representação do pós-humano nas obras *Não me abandone jamais* (2005), de Kazuo Ishiguro, e *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, em que os protagonistas têm uma natureza pós-humana e vivem em sociedades distópicas. Para tanto, focalizará o processo de criação dos corpos pós-humanos, a questão ética que o envolve e os traços de humanização que, considerados como elementos de desestabilização social, acabam por ser obliterados.

Palavras-chave: Pós-humano. Distopia. Ficção científica.

POST-HUMAN BODIES IN DYSTOPIAN SCENARIOS: A COMPARATIVE READING OF *NEVER LET ME GO*, BY KAZUO ISHIGURO, AND *BRAVE NEW WORLD*, BY ALDOUS HUXLEY

Abstract: This work proposes to analyze comparatively the representation of the post-human in the works *Never let me go* (2005), by Kazuo Ishiguro, and *Brave New World* (1932), by Aldous Huxley, in which the protagonists have a post-human nature and live in dystopian societies. In order to do it, it will focus the process of creation of the post-human bodies, the ethical question that surrounds it, and humanizing traits that, considered as elements of social destabilization, end up by being obliterated.

Keywords: Post-human. Dystopia. Science fiction.

Do mesmo modo que tantas outras coisas, a natureza (a arte mediante a qual Deus fez e governa o mundo) é imitada pela *arte* dos homens também nisto: que lhe é possível fazer um animal artificial. Pois vendo que a vida não é mais do que um movimento dos membros, cujo início ocorre em alguma parte principal interna, porque não poderíamos dizer que todos os *autômatos* (máquinas que se movem a si mesmas por meio de molas, tal como um relógio) possuem uma vida artificial? Pois o que é o *coração*, senão uma mola; e os *nervos*, senão outras tantas *cordas*; e as *juntas*, senão outras tantas *rodas*, imprimindo movimento ao corpo inteiro, tal como foi projetado pelo Artífice? Hobbes

INTRODUÇÃO

Setenta e três anos separam *Não me abandone jamais* (2005), de Kazuo Ishiguro, de *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley. Entretanto, essas obras

¹ Doutora em Literatura Comparada. Professora Adjunta da UERJ e docente permanente do Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ. RJ, Brasil. shirleysgcarr@gmail.com.

compartilham características tais que não só comprovam a engenhosidade de seus autores na elaboração de um universo diegético distópico, como enfatizam a incrível atualidade do romance de Huxley.

Escrito em uma época em que a internet não existia e cerca de sete anos antes da primeira transmissão de TV (1953), *Admirável mundo novo* narra uma história que transcorre em um futuro distante, no ano 2540 (632 DF- "Depois de Ford"), quando a sociedade passa por profundas transformações no intuito de evitar conflitos bélicos, dentre elas a produção de seres pré-programados e a supressão da individualidade. Concebido como uma crítica a um método de organização de trabalho para a fabricação em série e padronização de peças que foi criado por Henry Ford, pioneiro norte-americano da indústria automobilística, o romance tem sido interpretado como uma crítica contundente ao culto positivista à ciência e ao totalitarismo.

Não me abandone jamais, por sua vez, aborda a temática da clonagem humana e evoca os saberes do leitor sobre os avanços científicos hodiernos, ao mesmo tempo em que o convoca à reflexão. Em ambas as obras, há indivíduos criados a partir da manipulação celular, biológica ou genética; seres produzidos em laboratório para fins específicos e programados para a aceitação absoluta de sua condição e destino.

A esses corpos pós-humanos, resultantes de experiências científicas, é vedado qualquer tipo de desvio do padrão de comportamento, como sentimentos que ponham em risco a estabilidade social. Os raros traços de humanidade permitidos são rigorosamente controlados.

A partir de uma reflexão sobre o pós-humanismo, a proposta deste texto é analisar a representação do corpo pós-humano nas duas obras mencionadas; focalizando sua gênese, a questão ética que o envolve e os eventuais traços de humanização que, por escapar ao controle do Estado, acabam por ser obliterados.

1. A CONDIÇÃO PÓS-HUMANA

O pós-humanismo, segundo Calazans (2011, p. 193), “surgiu no bojo das contestações culturais abrigadas sob o movimento conhecido como pós-modernismo” e “consistia, basicamente, em “uma crítica ao antropocentrismo”.

Em *A Condição Pós-humana*, Robert Pepperell (1995, *apud* SANTAELLA, 2007, p.133) emprega a expressão “pós-humano” em três sentidos: primeiramente, para marcar

o fim do humanismo; em segundo lugar, para demonstrar que a percepção do que constitui o humano está passando por profundas transformações, e, finalmente, para indicar uma imbricação dos organismos com as tecnologias até o ponto de tornarem-se indistinguíveis. Segundo Santaella (2007, p.133):

Para ele, essas tecnologias pós-humanas são: realidade virtual (RV), comunicação global, protética e nanotecnologia, redes neurais, algoritmos genéticos, manipulação genética e vida artificial. Tudo isso junto deve representar uma nova era no desenvolvimento humano, a era pós-humana.

Os avanços tecnológicos são, assim, empregados no intuito de superar limitações corporais até então consideradas inerentes à condição humana, como o envelhecimento e as doenças, apontando para possibilidades de uso, aprimoramento e até mesmo de descarte do corpo (CALAZANS, 2011, p.185).

Há teóricos que estabelecem uma diferença entre o pós-humano e o transumano, atribuindo ao primeiro um caráter híbrido – a fusão entre o homem e a máquina – e ao segundo a transformação biotecnológica da condição humana, visando à melhoria de sua natureza (VILAÇA e DIAS, 2014, p. 341), compreendendo o transumano como um estado transitório, cujo estágio final seria o pós-humano.

Entendemos, entretanto, que o termo “pós-humano” engloba não apenas a produção de ciborgues e de artefatos visando ao aperfeiçoamento da vida humana, mas também à interface homem-máquina no campo da informação e comunicação (SANTAELLA, 2007), tendo um escopo muito mais amplo. Por outro lado, a presença do pós-humano na ficção pode ser detectada em obras tão antigas quanto *Frankenstein*, de Mary Shelley, em que os saberes científicos são utilizados para criar um novo ser que guarda características humanas, uma vez que é feito de partes de cadáveres.

Assim, a análise que empreenderemos das duas obras citadas partirá do pressuposto de que o imaginário pós-humanista expresso sob a forma de ficção pode ser visto como uma forma contemporânea de enfrentamento simbólico da finitude humana (CALAZANS, 2011).

2. CORPOS PÓS-HUMANOS EM CENÁRIOS DISTÓPICOS

Segundo Hilário (2013, p.202) “as distopias oferecem elementos para que se possa pensar criticamente a contemporaneidade, sobretudo com relação à segunda metade do

século XX e início do século XXI”. Ao descrever um futuro onde há a exacerbação nociva de um traço social, a narrativa distópica se constitui uma forma de crítica à sociedade.

Contemporaneamente, pode-se pensar em distopias a partir de duas grandes vertentes, passíveis de subdivisões: a clássica, à qual pertencem obras que não apenas dialogam com o mundo do pós-guerra, mas abordam também o controle opressivo da sociedade por meio de um regime totalitário, como *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell; e uma vertente mais recente, pós Guerra-Fria, em que o corpo e as políticas de identidade tornam-se o foco principal, caso de *Conto da Aia*, de Margaret Atwood.

Pode-se dizer que, muito embora divirja dos cenários distópicos usuais por não retratar uma sociedade ostensivamente totalitária em um mundo secundário², nem projetar a ação no futuro e sim em um passado relativamente recente, o romance *Não me abandone jamais* pode ser considerado como uma distopia, haja vista que contém o principal traço desta, ou seja, a problematização de tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade (JACOBY, 2007, p. 40), produzindo um efeito de barbárie.

Tanto em *Admirável mundo novo* quanto em *Não me abandone jamais*, o corpo assume um papel preponderante no cenário distópico. O emprego da tecnologia para a manipulação celular possibilita a criação de indivíduos segundo o interesse estatal ou social.

Em *Admirável mundo novo*, um governo totalitário mundial, cujo lema é Comunidade, Identidade, Estabilidade, tenta pôr fim aos conflitos que poderiam levar ao fim da espécie humana exercendo um controle absoluto sobre a reprodução. Em fábricas especializadas, os “centros de incubação e condicionamento”, segundo modelos variados, que dependem das futuras funções que irão exercer, os indivíduos são criados em laboratório, muitos deles por meio de uma técnica de cultivo de células, o Processo Bokanovsky, que produz 96 gêmeos idênticos a partir da fecundação de um único óvulo.

Nessa sociedade, organizada por um sistema científico de castas, a família foi abolida e os sentimentos são considerados obscenidades. A estabilidade é gerada pela impossibilidade de mobilidade entre as castas e pela utilização do “soma”, uma mistura de cocaína, heroína e álcool, cujo objetivo é obliterar as emoções, produzindo uma permanente sensação de bem-estar.

² O mundo secundário é um local com leis físicas, químicas, geográficas e biológicas próprias, como, por exemplo, a Terra Média de Tolkien. O mundo primário é o mundo real. Cf. MARQUES, 2015, p. 16.

Para os governantes desse admirável mundo novo, o cristianismo, o liberalismo e, principalmente, a democracia foram os responsáveis pelo grande caos que se estabeleceu no mundo. Assim, a cruz cristã teve seu topo decepado, dando lugar ao T, símbolo da única religião permitida pelo Estado Mundial (que tem como referente o Modelo T, marco da produção em série, criado por Henry Ford em 1908), o liberalismo foi substituído pelo controle e a democracia foi extinta.

Até chegar a esse estado de coisas, muitas propostas haviam sido feitas e sempre foram rejeitadas pelos antepassados (da década de 1930), que acreditavam piamente em um estado democrático. Sua resistência fora vencida quando uma grande guerra gerou um colapso econômico de tal proporção que, aos cidadãos, restou apenas escolher entre a Direção Mundial e a sua concepção de um Mundo Novo e a completa destruição. Ante esse panorama, os antepassados renderam-se ao governo totalitário.

Em uma tentativa de apagar todos os vestígios do passado, museus, obras de arte e livros são destruídos. Paralelamente, procede-se à destruição da individualidade, por meio do condicionamento. A utilização da hipnopedia permite criar reflexos condicionados definitivos, responsáveis pelo sentido de grupo e pela aceitação do papel social, desde a classe dominante, os Alfas, até a dos trabalhadores braçais, Deltas e Ípsilons.

À época da escrita do romance, a tese do condutivismo, de John B. Watson, formulada em 1924, ainda estava em voga. Segundo a visão de Watson, qualquer criança saudável, escolhida a esmo, poderia ser convertida, à sua vontade, em um profissional respeitável ou em um indivíduo desclassificado ou amoral, independentemente de seu talento, inclinações, capacidades, gostos e origem de seus ancestrais. Huxley considerava a tese de Watson arriscada e, de certa forma, o romance contém uma crítica contumaz a teorias que, a seu ver, destituiriam o ser humano da sua humanidade.

Assim, conforme Hilário (2013, p. 202) enfatiza, *Admirável Mundo Novo* alerta para “as formas de controle no âmbito da gênese social do indivíduo, isto é, no que se refere aos modos de dominação que incidem diretamente sobre a subjetividade com vistas a regular pensamentos e comportamentos”. E, na base dessas transformações, há a manipulação simbólica do corpo.

Não me abandone jamais é o sexto romance de Kazuo Ishiguro, Prêmio Nobel de Literatura de 2017. Com características distópicas, o romance está situado na Inglaterra do final do século XX, onde clones humanos são desenvolvidos para servirem de

doadores de órgãos. Educados em colégios internos, ao atingirem a idade apropriada, os clones passam a ser “cuidadores”, ou seja, a cuidar de outros que já se encontram na fase de doação de órgãos para os humanos de fato, os originais. Esse percurso continua até que o cuidador passe a ser ele mesmo um doador e se “complete”, ou seja, até que finalmente morra, devido à excessiva retirada dos seus órgãos.

Curiosamente, o material genético utilizado na produção dos clones advém de indivíduos marginalizados socialmente: “Todos nós sabemos. Nós somos modelados da escória. Viciados, prostitutas, alcoólatras, vagabundos. Presidiários, quem sabe, desde que não sejam tarados. É daí que a gente vem” (ISHIGURO, 2005, p. 203). Isso se explica pelo fato de que as camadas sociais menos favorecidas são as que estão dispostas a vender material genético para as experiências.

Por viverem enclausurados em comunidades, sempre que a transferência de um local para outro é necessária, os clones se vêem obrigados a tomar aulas de como viver no mundo exterior: “[...] uma aula de Iniciação Cultural, durante a qual costumávamos dramatizar as várias funções das pessoas que encontraríamos lá fora – garçons, policiais e assim por diante.” (ISHIGURO, 2005, pp. 137-138.)

Assim como os clones de *Admirável Mundo Novo*, eles não têm pais e não podem ter filhos. Rebaixados à condição de peça de reposição, existem para beneficiar a sociedade, mas são por ela marginalizados. Destituídos do que define a identidade, excluídos com base em uma alteridade ontológica, são explorados e segregados pelos originais.

A comunidade em que se passa boa parte do romance é uma escola privada, Hailsham, que, ao contrário dos centros, muitos em más condições, proporciona aos estudantes uma educação esmerada, graças à ação dos “guardiões”, que os encorajam a desenvolver habilidades, como a pintura, a escrita de poemas e a escultura. Entretanto, todo esse preparo se perde, uma vez que nada desse saber adquirido é aproveitável nos órgãos doados.

2.1 A gênese dos corpos pós-humanos nos romances

O capítulo 1 de *Admirável Mundo Novo* pode ser comparado à descrição da linha de produção de uma indústria. Diante de um grupo de estudantes, o Diretor de Incubação e Condicionamento descreve o processo de fecundação e a separação dos óvulos fecundados: os Alfas e os Betas, para serem acondicionados em bocais, os Gammas, Deltas

e Ípsilons, para serem submetidos ao Processo Bokanovsky: “A bokanovskização – disse o D.I.C., para concluir – consiste essencialmente numa série de paradas do desenvolvimento. Nós detemos o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos” (HUXLEY, 1979, p. 10).

Quando o romance foi escrito, não havia ainda sido descoberto que o DNA era a principal molécula da hereditariedade — estrutura tridimensional da molécula de DNA – a dupla hélice – só foi descoberta em 1953 — e, por isso, Huxley descreve métodos toscos de manipulação biológica, como a injeção de substâncias e toxinas.

Há, no Estado Mundial, uma preocupação com a eugenia, conforme se pode observar na passagem a seguir:

Na imensa maioria dos casos a fecundidade é simplesmente um incômodo. Um ovário fértil em mil e duzentos, eis o que seria plenamente suficiente para nossas necessidades. Mas nós queremos ter boa possibilidade de escolha. E, naturalmente, é preciso conservar sempre uma margem de segurança enorme. Por isso deixamos que se desenvolvam normalmente até trinta por cento de embriões femininos. Os outros recebem uma dose de hormônio sexual masculino a cada vinte e quatro metros, durante o resto do percurso. Resultado: são decantados como neutros – absolutamente normais sob o ponto de vista da estrutura (salvo, viu-se obrigado a reconhecer, o fato de terem, na verdade, uma ligeira tendência para o aparecimento de barba), mas estéreis. Garantidamente estéreis. O que nos leva por fim – continuou o Sr. Foster – a deixar o domínio da simples imitação servil da natureza para entrar no mundo muito mais interessante da invenção humana. (HUXLEY, 1979, p. 14)

O processo de condicionamento a que os indivíduos criados em laboratório são submetidos é minuciosamente descrito. Bebês das classes mais baixas são expostos a livros e flores e, quando se aproximam desses elementos, recebem choques elétricos leves: “– Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam um ódio "instintivo" aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida” (HUXLEY, 1979, p. 18).

O condicionamento é utilizado em todas as esferas de atividade humana, inclusive o consumo de bens:

- Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o Diretor, em conclusão – mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que elas consomem artigos manufaturados,

assim como transporte. Daí esses choques elétricos (HUXLEY, 1979, p. 19).

Parte do condicionamento é feito segundo os princípios da hipnopedia, considerado um instrumento de educação intelectual, eficaz ao ponto de justificar a divisão social em classes:

Na extremidade da sala, um alto-falante sobressaía da parede. O Diretor foi até ele e apertou um botão. "... se vestem de verde", disse uma voz suave, mas bem nítida, começando no meio de uma frase, "e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Epsilons são ainda piores. São muito broncos para saberem ler e escrever. E, além disso, se vestem de preto, que é uma cor horrível. Como sou feliz por ser um Beta." (HUXLEY, 1979, p. 21)

Um eventual desconforto em relação ao condicionamento é tratado com um dos seguintes lenitivos: o soma, uma droga "reacreativa" produtora de bem-estar, o sexo sem restrições e um complexo sistema de entretenimento, que é frequentemente comparado aos do passado, para demonstrar a evolução do Estado Mundial:

- O que vou lhes contar, agora, poderá parecer inacreditável. Mas é que, quando não se tem o hábito da História, os fatos relativos ao passado, em geral, parecem mesmo incríveis. - Revelou a espantosa verdade. - Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações ulteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não somente anormais, mas positivamente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos. (HUXLEY, 1979, p. 24)

Diferentemente, em *Não me abandone jamais*, o processo de criação dos clones não é descrito. Margaret Atwood (2011) se apoia nesse fato, bem como na ausência de informações mais específicas sobre a doação de órgãos, para sugerir que, ao escrever o romance, Ishiguro foi além de uma sociocrítica, do questionamento sobre a ética ou a moralidade da clonagem humana. De fato, boa parte do romance gira em torno de como os clones se veem e são vistos pelos demais.

Há entre eles a crença de que as características de sua personalidade foram herdadas geneticamente dos seus "prováveis", ou seja, dos seus originais. Cientes da brevidade da sua existência, os clones buscam conhecer a si mesmos e projetar o que lhes resta de futuro a partir das escolhas que seus "prováveis" fariam.

Não estou dizendo que alguém achava, de fato, se, por exemplo, seu modelo fosse um ferroviário, que acabaria fazendo a mesma coisa.

Sabíamos que não era assim tão simples. Mas de qualquer modo, todos nós, ainda que em graus diferentes, acreditávamos que, quando víssemos a pessoa de quem havíamos sido copiados, teríamos uma leve noção de quem éramos lá no fundo e, também, quem sabe, que enxergaríamos parte do que vida nos reservava. (ISHIGURO, 2005, p. 171.)

O romance sugere também que, a princípio, o conhecimento que os clones têm de sua função é limitado, como é possível observar a partir da fala de Miss Lucy, uma das guardiãs:

Se vocês querem ter uma vida decente, então é preciso que saibam, e que saibam direitinho. Nenhum de vocês irá para os Estados Unidos, nenhum de vocês será ator de cinema. [...] Suas vidas já foram mapeadas. Vocês se tornarão adultos e, antes de ficarem velhos, antes mesmo de entrarem na meia-idade, começarão a doar órgãos vitais. Foi para isso que todos vocês foram criados. Vocês não são como os atores que vêm nos vídeos, não são nem mesmo como eu. Vocês foram trazidos a este mundo com um fim, e o futuro de vocês, de todos vocês, já está decidido (ISHIGURO, 2005, p. 71)

Nesse contexto, poucas eram as formas de retardar as doações. A mais comum é a adotada por Kathy, a narradora, que opta por ser “cuidadora”. A outra opção, exclusiva dos alunos de Hailsham, que nunca fora efetivamente provada, era o surgimento de um amor verdadeiro entre um casal de alunos. Entretanto, a profundidade desse sentimento deveria ser avaliada por uma misteriosa benfeitora do internato, conhecida como Madame, por meio do exame da arte produzida pelos alunos nas aulas, que, teoricamente, revelaria o que havia de mais profundo em suas almas. Esta opção se revela falsa, quando Kathy e Tommy tentam conseguir mais tempo para viverem juntos. A arte produzida pelos alunos de Hailsham era utilizada com o único propósito de provar que os clones tinham alma.

Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para provar que vocês tinham uma alma. [...] Demonstramos para o mundo que, quando criados num ambiente humano e culto, os alunos podiam se tornar tão sensíveis e inteligentes quanto qualquer ser humano normal. Antes disso, todos os clones – ou alunos, como nós preferíamos chamá-los – existiam apenas para abastecer a ciência médica. Nos primeiros tempos, logo depois da guerra, isso era tudo que vocês representavam para a grande maioria. Objetos obscuros em tubos de ensaio. (ISHIGURO, 2005, p. 209)

Se em *Admirável Mundo Novo* a ordem é mantida por meio do uso do soma e dos diversos processos de condicionamento, em *Não me abandone jamais* a aceitação da

função social é obtida por meio da crença na grandeza do Programa Nacional de Doação de Órgãos:

Depois da guerra, no início dos anos 50, quando a ciência avançava muito rapidamente e as descobertas se sucediam em ritmo vertiginoso, não sobrava muito tempo para fazer uma avaliação, para fazer as perguntas sensatas. De repente lá estavam todas aquelas novas possibilidades à disposição, todas aquelas novas formas de cura para tantas doenças até então incuráveis [...] E durante muito tempo as pessoas preferiam acreditar que esses órgãos surgiam do nada ou, no máximo, que cresciam numa espécie de vácuo [...] Não havia como reverter o processo. Como é que você pode pedir a um mundo que passou a olhar o câncer como moléstia curável, como você pode pedir a um mundo desses que recolha essa cura, que volte aos dias de trevas? Não havia mais volta. Por mais desconfortáveis que as pessoas se sentissem a respeito da existência de vocês, a preocupação suprema delas era que filhos, cônjuges, pais e amigos não morressem de câncer, de esclerose amiotrófica, de doenças do coração. Por esse motivo, durante algum tempo vocês foram mantidos nas sombras e as pessoas faziam o possível para não pensar no assunto. Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância. (ISHIGURO, 2005, p. 210)

Ao fim do romance, quando Kathy relata o seu encontro com a Madame, é possível perceber o discurso sociocrítico, expresso por meio da fala desta. A metáfora da criança que segura no colo um mundo que não pode mais existir contém um questionamento sobre a ética nos processos de clonagem.

Quando a vi dançando aquele dia, enxerguei uma outra coisa. Enxerguei um novo mundo chegando muito rápido. Mais científico, mais eficiente, é verdade. Mais curas para as velhas doenças. Muito bem. Mas um mundo duro, um mundo cruel. E vi uma menina novinha, de olhos bem fechados, segurando no colo o mundo antigo e bom de antes, o mundo que ela sabia, lá no fundo, que não poderia continuar existindo, e ela segurando esse mundo no colo e pedindo para ele não deixá-la partir. Foi isso que eu vi. (ISHIGURO, 2005, p. 217).

2.2 Quando algo dá errado

Nos dois romances, as estratégias para coibir traços de humanidade que ponham em perigo o sistema falham.

O corpo pós-humano em *Admirável Mundo Novo* pressupõe a conformidade com a divisão em classes, atribuindo ao condicionamento a estabilidade social. Entretanto, por uma falha não explicada, Bernard Marx, que é um Alfa-mais, ou seja, pertencente à casta mais alta da sociedade, tem semelhança física com as classes mais baixas, o que lhe deixa

insatisfeito consigo mesmo e com o sistema. Não é uma insatisfação ideológica, mas derivada do seu desvio à padronização. Lenina, por sua vez, tem inclinações sentimentais, quando seu interesse pelo sexo oposto deveria ser apenas sexual e nos limites do que o Estado Mundial permite, ou seja, para aplacar possíveis instabilidades emocionais. John, o “selvagem” que Bernard encontra em Malpaís, uma “reserva histórica”, onde ainda havia pessoas que viviam segundo os moldes do passado, preservando inclusive a religião, é o único que se opõe de fato ao sistema. Ao ser levado para Londres, John questiona a ausência de valores e de liberdade, bem como a supressão das emoções. Sua mãe fora exilada em Malpaís por ter violado as regras do Estado Mundial e engravidado. Sempre apegado aos livros, ele critica a artificialidade de uma sociedade que, tendo abolido o pensamento crítico, sequer tem noção do que significa ser humano. Reduzidas à condição de máquinas, as pessoas aceitam o papel que lhes cabe: desconhecem a dor, a doença e o sofrimento; morrem quando seu prazo de validade expira.

A inadequação de Bernard o leva ao exílio e os questionamentos de John, ao suicídio. O final sombrio do romance não aponta apenas para a questão ética dos experimentos científicos e o risco dos regimes totalitários, mas para uma possível perda dos traços que fazem o homem efetivamente “humano”. Tudo isso se resume na exclamação de John no hospital, ao ver o pessoal subalterno Delta ingerindo o soma: "Como há aqui seres encantadores!" "Como é bela a humanidade! Oh! admirável mundo novo...!" (HUXLEY, 1979, p. 47)

Em *Não me abandone jamais*, a falha se dá, principalmente, em dois momentos: primeiramente, quando Miss Lucy quebra o código de conduta dos guardiões e revela a Tommy a crueza do seu destino, e, em seguida, quando este revela a sua não conformidade às regras por meio de explosões de temperamento e de desenhos de animais imaginários.

Miss Lucy é punida com o banimento:

“Foi por isso que a Miss Lucy foi embora?” [...] “Ela não ficou conosco muito tempo, de modo que para nós foi apenas uma figura periférica dentro da memória de Hailsham. E não deixou recordações muito felizes.[...] Era uma moça muito boa, a Lucy Wainright. Mas, depois de ficar conosco durante um tempo, começou a ter certas ideias. Achava que vocês, alunos, tinham de ficar mais cientes. Mais cientes do que teriam pela frente, de quem vocês eram, para que serviriam. Ela acreditava que vocês deveriam ter um quadro bem nítido da situação, tanto quanto possível. Que qualquer coisa menos que isso era, até certo ponto, uma forma de enganá-los.[...] Lucy Wainright era uma idealista, não que haja qualquer coisa de errado em sê-lo. Mas não tinha um bom

domínio das coisa práticas. Vejam só, nós fomos capazes de lhes dar certas coisas, coisas que ninguém poderá tirar, nem mesmo agora, e fomos capazes de dá-las sobretudo protegendo vocês”. (HUXLEY, 1979, p. 214)

Apesar do inconformismo e da tentativa frustrada de protelar as doações, Tommy sucumbe ao sistema. Na quarta doação ele se “conclui”. Considerando a liberdade que os clones tinham de ir e vir, é aparentemente inexplicável o fato de que não tenham tentado escapar de alguma forma. Essa conformidade com o próprio destino é patente quando Kathy, a narradora, descreve o modo como os médicos, cuidadores e doadores enfrentam a quarta doação, considerada o limite máximo antes de um clone se concluir:

Falam que às vezes, depois da quarta doação, ainda que você esteja tecnicamente concluído, continua consciente de alguma forma; e que então descobre que há muitas outras doações, um monte delas, a fazer do outro lado da linha; que não existem mais centros de recuperação, cuidadores ou amigos; que não sobra mais nada a não ser assistir às doações restantes até eles desligarem você. É coisa de filme de horror e na maior parte do tempo as pessoas não querem nem pensar a respeito. Nem os médicos, nem os cuidadores — e em geral tampouco os doadores. Mas de vez em quando um doador toca no assunto. (HUXLEY, 1979, p. 222)

Ao fim do romance, em meio a um profundo sentimento de solidão, Kathy recebe uma notificação de que sua primeira doação está próxima e percebe que o único traço de humanidade que lhe resta é a memória; a capacidade de reconstruir Hailsham em sua lembrança. O ato de narrar suas experiências para um ouvinte desconhecido do leitor é uma tentativa, frágil e falível, de prolongar um pouco mais a vida e conferir a si mesma algo da humanidade do seu original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve análise de *Admirável mundo novo* e *Não me abandone jamais* focalizou a representação do pós-humano nos dois romances, com especial ênfase na gênese dos corpos pós-humanos e a questão ética que os envolve. A intenção de Huxley ao criar a distopia futurística de *Admirável mundo novo* é amplamente conhecida. Em várias entrevistas concedidas na época do lançamento do romance, ele evidenciou sua preocupação com a submissão humana ao conhecimento tecnológico e ao poder totalitário. Por outro lado, não deixa de ser surpreendente e a atualidade da sua ficção.

Atualidade esta que nos permite uma análise comparativa com um romance publicado quase oito décadas depois.

Se as preocupações de Huxley centravam-se primordialmente na questão do poder e seus efeitos sobre a sociedade, Ishiguro, por outro lado, revela a sua preocupação com questões ontológicas, que surgem exacerbadas pela presença da biotecnologia e a inclusão de clones no seu universo ficcional. Em algumas de suas entrevistas, ele mencionou o fato de que a presença da clonagem humana em seu romance é paradoxal, uma vez que objetiva a algo anacrônico: interrogações sobre o conceito de humanidade e o modo como concretizamos os propósitos da nossa existência.³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. *Never let me go* by Kazuo Ishiguro. In: _____. *In other worlds: SF and the human imagination*. New York: Random House, 2011. pp. 168-173. Disponível em: http://www.slate.com/articles/arts/books/2005/04/brave_new_world.html Acessado em 06 mar. de 2018.

CALAZANS, Diego. Condição pós-humana como condição pós-corpórea. *Tomo*. N.19, 2011, pp. 185-203.

GRAHAM, Elaine L. *Representations of the Post/Human: Monster, Aliens and Others in Popular Culture*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2002.

HAYLES, Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. 2, 2013, pp. 201-215. Disponível em: <https://goo.gl/4L6bfy>. Acessado em 31 dez. 2017.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

ISHIGURO, Kazuo. *Não me abandone jamais*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JACOBY, Russell. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARQUES, Mirane Campos (2015). *Uma história que não tem fim: um estudo sobre a fantasia literária*. São José dos Campos: UNESP (Tese de Doutorado).

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano – por quê? *REVISTA USP*, São Paulo, n. 74, junho/agosto 2007, pp. 126-137.

VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara Marques. Transumanismo e o futuro (pós-)humano. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, pp. 341-362, 2014. Disponível

³ Cf. Entrevista concedida a *The Guardian*, em 25 de março de 2006. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2006/mar/25/featuresreviews.guardianreview36> Acessado em 07 mar. 2018.

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000200341&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 06 mar. 2018.

Enviado em: 09/03/2018

Aceito em: 15/03/2018